12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A grande chacina de Macau

(Reconstituição sobre documentos e fotos fornecidos na Sociedade de Geografia, por um oficial que já comandou este posto).

Em pleno areal de Cka-Hó, um posto numa ilha de um kilometro quadrado, os pressos insubordinaram-se, assassinando com as ferramentas do trabalho os soldados portuguêses. Depois correram ao quartel e mataram o saargento comandante, ferindo mais praças. Por fim, no meio da carnificina, ficaram abatidos cinco dos revoltados e toodos os soldados feridos ou mortos.

O DOMINGO ilustrado

ANO I N.º 4

LISBOA 8 DE FEVEREIRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA—EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má lingua

LANDRU II . . . E III

(A policia de New-York prendeu um portuguez sobre o qual pesa a accusação de varios crimes identicos aos de Landru.)

Dos jornaes

Diz um jornal chegado do extrangeiro
por mares já de ha muito navegados,
que á patria do petroleo e do dinheiro
nós démos,—que presente lisongeiro!
mais um nome entre os nomes afamados.
Partindo de hoje para hontem, vemos,
olhando a Historia mesmo a olho nú,
(—é assim, ao que ouvi na livraria,
que o "poeta„ Antonio Botto olha a poesia . . .)
— vemos uma legião de heroes supremos
desde Alfrêdo Guisado a Pedro o Cru.
Faltavam-nos porém na galeria
"glorias„ de outros extremos . . .
E já possuimos um Landrú!
Foi o caso que um jóvem luzitano,
por não morrer como o de Cork,
se quiz alimentar de bife humano
. . . mas "bife„ . . . de New-York.
Levava regalada e santa vida
toda pintada de risonhas tintas,
lá na quinta avenida,
onde encontrára as suas sete quintas.
Attrahia senhoras attrahentes,
como artista da Fraude e Rei do Engano,
gabando-lhes a voz, o olhar, os dentes,
os cabellos de um loiro americano,
e outros cem mil encantos differentes;
tudo isto ás escondidas dos parentes
que lhe pudessem dar algum banano.
Depois, fazia o mesmo que o Landrú
(mas sem bater o seu record),
guardava-lhes as joias num bahu,
e ir dar um passeio no seu «Ford» . . .

* * *

Bem sei. Eu bem comprehendo.
Acham quasi um cynismo revoltante
contar em ar de «blague» o crime horrendo
de um criminoso horripilante,
sem o apontar á execração
de Portugal inteiro,
causticando-o com urros de leão
em versos de Junqueiro.
Mas eu não tenho mêdo dessa critica,
e fallo assim p'ra não fazer politica.
Todos nós conhecemos um governo
que em mil subtis desvalorizações,
mui meigo, muito terno,
co'as mais dôces fallinhas,
fez tal e qual o mesmo a multidões
de ingenuas «sopeirinhas» . . .
Por isso eu faço, assim tão comedido,
um commentario insosso,
que muito temeria ser ouvido
por quem róe o seu osso.
E' máu interromper as digestões
de alguns eméritos varões
que suggérem varões de calabouço . . .

TAÇO

TROCA DE SERVIÇOS

—Então v. deixou a victima trespassada lado a lado?
—E' verdade sr. dr. . . . Eu não lhe levei nada pelo trespasse. . . .

questão prévia

Por mais que se queira, não é já hoje possivel a ninguem alhear-se por completo da vida que em redor fermenta, exalando miasmas de egoismozinhos, ambiçõezécas e pequeninas patifarias, que infectam os espiritos, creando o mal estar e a desconfiança, que constituem a doença caracteristica da sociedade contemporanea.

E como ha-de uma pessoa encerrar-se na sua torre de marfim, se a carestia das rendas e trespasses quasi nos proibe o encerramento numa simples casa de pedra e cal! E como ha-de alhear-se alguem desses aspectos sordidos da vida, se a cada passo neles está tropeçando e se constantemente eles lhe estão sendo revelados pela insinuação subtil do boato ou pelo falador soalheiro da imprensa!

Refugiados no trabalho ou envoltos no casulo dum grande sonho de Beleza, somos de continuo sobresaltados pelos ruidos que sobem da rua e da vida, gritos de protesto e brados de aclamação, porque é forçoso que neste mundo imperfeito a felicidade de uns seja conseguida á custa da desgraça dos outros.

E então não ha mais remedio senão interromper o trabalho ou despertar do sonho e descer á rua e á vida, a misturar-nos com a turba que ruge e delira.

O espectaculo que se nos depara, devo convir, não é dos mais edificantes para quem forma da vida um conceito enobrecedor do genero humano. Tal politico que vai passando, levado processionalmente aos ombros, entre aclamações, piscando os olhos risonhos sob a luz forte da celebridade, é um sujeitinho que até então ninguem conhecia, mas que todos passamos logo a ter imenso prazer em conhecer. Aquele sujeito, alem, empoleirado nos degraus dum portico, em pleno «forum» e que entre palmas e vivas está dizendo á multidão que o cerca, mas que o não compreende, a sua modernissima concepção do Belo, era ainda ontem um pobre diabo inculto e reprovado em instrução primaria, fazendo nos cafés e redacções uma vida subalterna, de que se desforra desancando aqueles com quem na vespera se honrava por companheiros e a quem queria como mestres. O mais fresco recem-chegado da provincia, tendo ainda na face a côr sadia dos ares natais e nos musculos a suculencia do solido presunto com que se alimentou desde a primeira dentição, penetra na vida da cidade como um velho «blasé», para quem os vicios, os prazeres e as elegancias da urbe não teem segredos, que ele não conheça e encantos, que ele não tenha experimentado.

Em torno a multidão aplaude ou apedreja, com igual inconsciencia e impulsionados só pela sua audacia os ineptos sobem de cotação nesta bolsa de valorisações negativas, que está sendo a sociedade portuguesa.

* * *

Ora o dique a opôr a esta avassala dora selecção invertida, que ameaça inundar de incompetencia e descaro as diferentes manifestações do pensamento, das artes e da politica, é de facil construção e tem a garantir-lhe a eficacia muitos seculos de pratico aproveitamento. Bastará, somente, para colher esse efeito benefico, restaurar entre nós o mêdo do ridiculo.

O espantalho a erguer na eira, invadida por numerosos pardais, limita-se á publicação dum jornal de caricaturas, dum semanario humoristico com independencia e espirito, que tenha a audacia do garoto da historieta, que denunciou as cuecas do rei e desempenhe, entre nós, o papel moralisador do bufão, que entre risos e guiseiras apontava aos grandes senhores das côrtes faustosas a insignificancia das suas pessoas, cobertas de ouros e veludos.

O mêdo do ridiculo fará deter muitos nos primeiros degraus da escalada, porque, por maior que seja a audacia, falha a coragem para se apresentar no topo, a declarar: «Sou um grande homem!»—quando se sabe que cá em baixo está alguem, irreverente, que reclama: «O' coiso, prova lá isso, para a gente se rir!»

Quem se abalançar á empreza de publicar, no tempo que decorre, um jornal humoristico presta ao seu país um serviço tão importante como se désse á luz uns novos «Lusiadas».

FELICIANO SANTOS

écos

EM nome da mocidade e da alegria carnavalesca os estudantes da Politecnica começam graciosamente a impedir o transito na arteria onde se ergue o edificio da Faculdade de Sciencias. Por muito simpatica e por muito tradicional que seja a bohemia academica, a verdade é que nesta dolorosa lucta que é a vida de todos os dias nem sempre ha pachorra precisa para deixar voar o chapeu pelas alturas, apanhar uma constipação e sorrir complacente aos esperançosos homens do futuro.

O Sr. Raul Proença, cujas investidas terriveis sobre a população literaria são tremendas, tem no ultimo numero da «Seara Nova» um éco sobre o «camilianismo» que se farta de ser verdadeiro.

Com efeito, não ha positivamente o direito de explorar certas curiosidades intimas do suicida de S. Miguel de Seide, e vende-las ao publico sob a falsa preocupação de fazer a historia do romancista.

Sabe-se que tudo quanto se refira a Camilo se vende. Toca a catalogar pormenores e toca a impingi-los sob o rotulo de mais um snobismo nacional: o «culto camiliano».

NÃO temos politica, não entendemos as misteriosas teorias das finanças, não percebemos nada de cambios. Mas a verdade é que, apesar dessa ignorancia toda, nos sentimos com mais coragem para preguntar porque continua a vida insuportavel, cara para os que não tem senão o magro recurso do trabalho proprio, do que para pagar o novo e arrazante aumento do preço do pão.

SEGUNDO o boletim de saude de Paris têm este ano morrido, no primeiro mez do ano, mais do dobro das pessoas que morreram em igual periodo do ano passado.

Para um paiz que para combater a crise de nascimentos ainda não arranjou outro processo, alem do premio de maternidade é desconsolador.

por todo o mundo

Ha longos mezes—ou bem melhor, ha anos já—sobre toda a politica europeia agita-se a questão se a Alemanha cumpre ou não cumpre as clausulas de Versailles.

Pois agora mais uma vez oficialmente se reconheceu que não, e assim as cinco grandes potencias aliadas resolveram continuar a ocupação de Colonia, a linda cidade rhenana.

A França—a França que hoje tem á governá-la um liberalissimo governo das esquerdas—ficou muito satisfeita; mas é conveniente frisar que na Inglaterra a imprensa conservadôra fé que tem apoiado a dourina franceza, emquanto que a liberal, o importante «Manchester Guardian» á frente, tem tomado uma posição contraria, passando á Alemanha o mais lisongeiro atestado . . .

Isto presta-se a curiosos comentarios, dos quaes o mais inocente é que os principios liberaes mudam com as latitudes.

* * *

Para provar que na politica as palavras ocupam, e ocuparão sempre, um grande lugar, basta vêr a sensação produzida dentro e fóra da França pelo solene discurso do Sr. Herriot, num dos ultimos dias do mez passado.

Foi um vibrante discurso, cujos écos ainda persistem, e cheio de phrases, de «exclamações» patrioticas, nacionalistas, bellicas mesmo. Teve aplausos das direitas. Obteve as honras da «affichage» por 529 contra 31. As direitas votaram-na. E ainda se fala nelle.

A Inglaterra ouvi-o «palavras por palavras»; mas d'esta vez a opinião publica d'esse grande paiz esforçou-se por ser cautelosa. Pois se o vibrante discurso até notas bellicas teve . . .

* * *

Entre varias circumstancias que põem este discurso—e os seus écos—particularmente em destaque, uma avulta que desde já queremos registar: a de que esse discurso foi proferido, com suas phrases nacionalistas e militaristas, quando na America a grande potencia dos Estados Unidos ventilava, nos meios officiaes, o projecto d'uma nova conferencia de desarmamento.

Aquella America . . . O seu pacifismo . . . Eis um conto que ha-de ter muito que contar.

* * *

Bem facil era de prevêr que o acordo russo-japonez viria a preocupar a Europa. Agora prophetas surgem visionando no horizonte uma triplice formada pelo Japão, pela Russia e pela... Allemanha, ameaçadora para o occidente europeu.

E os dias hão-de passar, e cada dia esse acôrdo mais preocupará.

* * *

E terminemos com o facto «à sensation» que deu origem a boatos de novas hostilidades armadas no oriente, o que não admira pois pode ser considerado um «éco» do velho odio, que não cança, grego-turco.

Foi esse facto a expulsão do patriarca grego de Constantinopla por ordens do governo de Angora. Nada ha na politica mais proprio para irritar paixões e odios do que os ataques a qualquer instituição ou costume que se prenda ás crenças religiosas, e o patriarca grego de Constantinopla é venerado por milhões de crentes. Eis o que explica a onda de colera que se desencadeou na Grécia, a ponto de correr a nova da mobilisação.

Está escripto pelo destino que esse canto do globo será sempre um vulcão em surda ou activa agitação.

A. ROCHA PEIXOTO

LIQUIDOS

—Ja sei . . . pede para a Gota de leite . . .
A mendiga (confidencial): Não minha senhora: E' para a pinga de vinho . . .

O que se lê

«PALAVRAS INUTEIS» — Versos de Aguia de Pina (Lisboa, 1924).

Tratando-se, como julgo, duma estreia literária, não admira que o estro do poeta que escreveu as «Palavras Inuteis» não corresponda ainda, em altiva sublimidade, ao magestoso nome de Aguia de Pina.

Grande parte do livro é preenchida por poesias com o cunho da «soi-disant» escola nacionalista, nas quais fazem uma extemporânea reaparição muitas daquelas exclamações proféticas soltas pela voz da «Raça» a falar com as caravelas dos descobrimentos e a fazer o entêrro da Pátria nas areias de Alcacer-Kibir. Não é esta apoesia mais favoravel ao revigoramento das tão choradas virtudes rácicas, como não é a que mais se harmoniza com os primeiros entusiasmos dum poeta moço.

Liberto da pessimista preocupação patriotica que o aflige, o autor das «Palavras Inuteis» conseguiu, no entanto, reunir algumas poesias em que trata com simplicidade e ternura certos temas já gastos mas sempre emotivos. Merece especial atenção a poesia «Carta de França», a qual, ao contrário duma outra carta que também se encontra no livro, não foi composta ao ritmo do «Só», com uma postiça facilidade e querendo, sem as sentir, manifestar poeticamente as mesmas impaciências doentias de António Nobre.

A ortografia adoptada nêste pequeno volume é assaz estranha: «Rei» comY será «vicio» como pretende o autor —, mas «prefil» é profia» parecem justas transcrições sónicas de palavras mal pronunciadas.

Estes «senões» só ressaltam á segunda leitura das «Palavras Inuteis», o que significa que apesar de tudo, estamos em presença de versos que se podem ler duas vezes.

«VASCO DA GAMA» — Drama épico, em verso, de Silva Tavares (Lisboa, 1922).

Silva Tavares é um dos menos discutiveis valores literários da nossa geração. A sua peça «Vasco da Gama» teve, ha dois anos, uma efémera vida scénica, mas é a obra dum verdadeiro poeta que já encontrou ensejo de se revelar brilhantemente.

Agradeço o exemplar enviado, lamentando que a falta de actualidade que teria qualquer apreciação crítica, não me permita expor as razões por que considero o drama «Vasco da Gama» como uma peça literária de inegavel beleza.

THEREZA LEITÃO DE BARROS

PEÇAS MODERNAS

— Qual é a peça que lhe tem interessado mais ultimamente?

— Eu lhe digo... mais interesse... mais interesse... é uma peça de gabardine...

Não conheço verbo mais vezes conjugado que o simpatico e suave verbo pedir. Talvez porque o primeiro cuidado de Adão, mal se apanhou vivo no Paraizo, foi pedir uma companheira ao Todo Poderoso, talvez porque é muito mais facil pedir do que fazer, certo é que está na massa do sangue pedir tudo, desde linguas de gato a logares nos ministerios, desde um beijo mais ou menos pecaminoso a um anel emprestado para ir tirar o retrato. Mas, lá diz a sabedoria das nações, que aguenta sempre com todas as asneiras que se inventam, é preciso saber pedir. E realmente se nos parece facil pedir para as almas ou para a cera dos fieis defuntos, creio que é extremamente dificil pedir a um combóio que não nos esborrache ou a um raio que não nos parta. Assim temos que os profissionais da pedincha teem varias escolas, varios processos de abalar a filantropia de cada um, consoante a variante empregada na conjugação do verbo.

Salta em primeiro logar o aleijado que estende a cabeça ao longo do braço hirto, revirando os olhos numa expressão de goso de fome, mal balbuciando a cantilena, a fingir que está cadaver e que terá um pronto falecimento se os nossos tostões não lhe acodem num pronto auxilio. Vem depois a tuberculosa cheia de filhos, tantos que se chega a supôr que a sua fabricação é a origem da doença da mãe: Esta encolhe-se no humbral de uma porta, um petiz enfezado no regaço, outro dormindo sobre uma ponta da saia, outro deitado aos pés, outro pendurado num hombro e ás vezes outro ainda em embrião guardado no interior por causa da decencia. Em geral não diz palavra. Olha para quem passa com um grande ar de tristeza, como se o tranzeunte tivesse culpa de ela ter aproveitado o tempo que lhe sobejava na confecção duma prole numerosa. Ás vezes para meter variante, um dos miudos vem colar-se a quem passa, estendendo a mão suja: — Dê, dê, dê alguma coisinha para a minha mãe que não pode ganhar! — (podéra; duas coisas ao mesmo tempo ninguem faz.)

Muitas vezes o petiz anda bem os seus duzentos metros ao lado dum fabiano, sempre com a mesma musica e olhando uns camaradas da mesma edade que em grande elegria jogam a bóla no meio da rua ou chucham uma especie de sorvete no vendedor da esquina.

Ha ainda os operarios. Um sem trabalho e o outro sem vontade de trabalhar. O primeiro encontra-se a uma esquina com ar de Cristo Nazareno e o outro empunhando um pequeno saco, lamenta: — Um operario sem trabalho que ficou impossibilitado por causa dum desastre numa oficina de serralheria! — e olha para todos com ar de bomba como a meter medo.

Temos tambem o cego que já viu e agora não vê senão a proteção do publico, o cego pela meningite que habitualmente entra nos *restaurants* para, com a sua mazela, pôr nâuzeas na sensibilidade nervosa das senhoras e o cego de nascença que diz que lamenta muito não vêr a luz do sol, nem os passarinhos nem os versos pagãos da Dona Beatriz Delgado.

Ha tambem a viuva seria e honesta, cujo marido morreu de um tiro palustre numa guerra em Africa. Anda de preto, traz um *chaspelinho* posto ao contrario para dar antiguidade e, cerimoniosamente, aparentando um fino trato e uma educação esmeranda, chega-se, cumprimenta com ar digno e desfecha: — Vossa *insolencia* faz-me um *ôbséque?* Lucto presentemente com grande falta de meios. Já fui senhora de *têres* mas *incontro-me* numa situação precaria. Sou viuva de um sujeito que morreu. Implóro da caridade de vossa *insolencia* se me pode adjudicar uma esmóla!

Não acrescenta o «espera receber mercê» porque desconhece as praxes burocraticas, mas em compensação, atulha-se em boa aguardente de figo... para esquecer. E, finalmente temos ainda os que vão para as portas das egrejas e dos cemiterios, implorando «por alma de quem lá tem» prometendo rezar, chegando mesmo a chorar se com isso veem que podem aumentar a compaixão dos que passam.

Ora contra todas estas conjugações, inventou a sabedoria dos homens um emprego chamado «Assistencia Publica» mas essa coitada, para não fugir á lei geral que estabeleceu o verbo pedir como padrão unico, tambem está a... pedir *poucas*...

HENRIQUE ROLDÃO

O que se ouve

2.º E ULTIMO CONCERTO LASSALLE

No S. Luiz realisa-se hoje este concerto sinfonico cujo especial interesse està na audição duma sinfonia de Mahler e da «Suite Portuguesa» de Ruy Coelho.

O recente triunfo obtido em Hespanha por este nosso compatriota eleva-o a um lugar de destaque na musica da peninsula. A inclusão das suas composições nos programas, até agora preteridas por outras, não póde trazer senão simpatia para o Maestro Lassalle e vivo agrado para o publico musical e patriotico.

EXPOSIÇÃO FALCÃO TRIGOSO

O Sr. Falcão Trigoso é um pintor que pontualmente exibe as suas produções no Salão Bobone e pontualmente as costuma vender. Possue este artista qualidades de colorista e é um brilhante reproductor de certos trechos da campina portuguesa. Nunca gostamos dos seus desenhos de figura, e bastantes vezes temos admirado a justeza do tom de certas paisagens que assina.

Nota-se muitas vezes que este pinror não tem «bom gosto», uma qualidade que nasce com as pessoas e que nada tem que ver com o talento ritual.

Iamos jurar que emoldurados de outra maneira, sem terem a assinatura colocada «piresmente» a cortar o canto, os quadros de Falcão Trigoso, embora não valessem mais, eram mais simpaticos. A moldura é a «toilete» do quadro. Os tecnicos veem o «bocado de pintura» o publico, o «bibelot» completo. E nós vimos que o Sr. Falcão Trigoso continua a sua carreira, sem, neste ano, a aumenrar ou diminuir.

EXPOSIÇÃO MARGARIDA SANTOS

Devem ser vistas as notaveis exposições de bordados que esta senhora vem realisando ha algum tempo a esta parte.

Os bordados desta senhora fogem da banalidade de simples e futeis curiosidades femininas para entrarem no campo das obras de merito real que interessam a todos.

A exposição deste ano é especialmente digna de registo.

V. S.

NOS CONCURSOS DA CAMARA

— Porque e que o imposto sobre os cães não é um imposto directo?

Ora essa... porque não são os cães que o pagam...

Sports

BOX

A ESTREIA DE ROSA BRITO

Havia muita gente convencida que Rosa Brito era um boxeur de muito valor, antes da sua estreia. Depois dela, ha muita gente convencida que não tem valor nenhum. Apesar de falsas, ambas as impressões teem justificação.

Rosa Brito teve em Africa uma vida facil e feliz.

Os seus sucessos chegaram até cá, e dilataram-nos.

O povo tem uma tendencia decidida para tudo o que é prodigioso, e, com a ajuda do reclamo, poz-se a sonhar que tinha um campeão como os melhores. Foi para o Circo, outro dia, disposto a confirmar a sua fantasia.

Mas o polaco com menos 7 ou 8 kilos que o nosso campeão dominou-o.

As esperanças tombaram logo, como tambem é natural, e os mais optimistas passaram a sorrir desdenhosos da sua propria convicção, e decretaram, de prompto, a falencia do boxeur portugues.

Quer-me parecer que vejo as coisas com mais alguma justiça.

Quando vi Rosa Brito no ring, um pouco habituado aos indicios do nervosismo, tive a impressão imediata do seu constrangimento. Temeu a sua reputação e deixou-se ir atraz das aprehensões.

O seu adversario, pelo contrario, pareceu-me tranquilo. Ainda tive esperanças de vêr Rosa Brito acalmar-se.

Mas não, elle não dispôz mais de si e a cabeça deixou de regular.

No ring, um homem incapaz de raciocinio é um homem perdido; foi o que Rosa Brito exemplificou com clareza.

Não soube vêr a solução do combate e ninguem no seu canto lh'a indicou, ou se lh'a indicaram não tiveram força sugestiva para lh'a impôrem.

E assim combateu, desnorteadamente, os 4 primeiros rounds, em busca do soco duro, sempre a metter a direita, que era um dó de alma vêr.

Exgotou-se e entregou-se com uma ingenuidade de noviço.

Morgan, apesar de tranquilo e resolvido a vender cára a péle, entrou com precaução.

Depois, na altura do 5.º round, viu que lhe tinha sahido a sorte grande.

A sua tatica, tratando de embrulhar as coisas o mais possivel, tinha-lhe dado um resultadão e o homem entregara-se-lhe, muito mais facilmente do que elle tinha calculado.

A escolha do polaco para adversario de Rosa Brito, na sua estreia, foi uma lembrança infeliz.

Crearam-lhe, logo de entrada, uma situação dificil. Uma derrota, vinda d'um homem com menos 7 kilos, tem sempre o aspecto d'um desastre; uma victoria, o mais natural dos desfechos.

Mas voltando ao combate, devo dizer que elle foi para mim uma luta de experiencia.

Geo Morgan deve ser, pelo que mostrou, uma velha raposa, insensivel já a emoções e capaz portanto de se servir tranquilamente dos seus recursos.

Com Rosa Brito houve-se com inteligencia e ninguem póde negar-lhe que conduziu com habilidade o seu trabalho.

Não se mostrou um boxeur fino, senhor d'uma esgrima agradavel, antes o seu jogo é confuso e por vezes desagradavel, mas dificil e productivo.

O seu trabalho aparente foi soberbo, e a economia do esforço fe-la como manda a arte.

Pelo contrario Rosa Brito combateu sem plano, e sem cuidado.

O publico pesava-lhe.

Quiz acabar em pouco tempo, e nem sequer tratou de dar balanço ás forças do adversario, e fazer o estudo indispensavel do seu valor.

Quer-me parecer que se Rosa Brito tem conservado o seu sangue frio e tem sabido encaminhar o combate, o resultado seria muito diferente.

Porque não trabalhou da esquerda, logo de começo, pondo o seu homem a distancia, o que lhe favorecia o lindo handicap de peso?

A obra de destruição viria depois de ter imposto o seu jogo, o que nunca conseguiu. Não se soube poupar e de tal modo evidenciou o seu rapido desanimo que Morgan, em pouco tempo, ficou senhor da situação e d'elle.

Posso enganar-me, mas estou convencido que Rosa Brito tem recursos para bater o seu vencedor.

Mesmo agora, com a influencia moral da derrota, eu creio n'uma desforra com exito.

Basta que Brito tenha perdido o encargo da responsabilidade, que tanto o afligiu, para que possa fazer muito melhor.

Sendo incontestavelmente uma pessoa disposta para o box, com qualidades fisicas invulgares, não deve deixar-se influenciár pelo primeiro fracasso, antes deve trabalhar, com mais vontade que nunca, e crêr confiadamente n'uma proxima reabilitação.

F. GUEDES

UM CASO INÉDITO

O meio pugilista europeu foi ultimamente excitado ao rubro pela atitude do campeão americano de box, Johnny Dundee.

A' semelhança das grandes celebridades do ring, Dundee, o vencedor de Criqui resolveu visitar a Europa em viagem de recreio, tendo sido até recebido pelo Sumo Pontifice em audiencia particular, quando visitou a Italia, seu paiz natal.

O italo-americano instado pelos organisadores parisienses, fechou contrato sob determinadas clausulas para efectuar em Paris um encontro com o francez Bretonnel.

Quando tudo se activava para a realisação do match, Dundee partiu inesperadamente para a America, embarcando em Plymouth.

A resolução do famoso boxeur indignou os dirigentes francezes que se apressaram a castigá-lo no maximo das suas posses, requerendo á Federação Internacional, as maiores sanções contra Dundee. Atendendo porem á desarmonia entre os diversos organismos dirigentes do box nos Estados Unidos da America do Norte, é de prevêr, que nada se consiga n'este sentido, tanto mais que Dundee apresenta argumentos defensivos que devem ser tomados em consideração.

Dundee entre outras razões da sua atitude, afirma o desejo de tomar parte na proxima competição para designar um sucessor a Benny Leonard e d'ahi a necessidade de iniciar imediatamente os seus treinos.

Qualquer que seja a solução do conflito, a resolução de Dundee ficará gravada nos annais do ring, como um caso pouco banal e de reconhecida falta de civismo.

IXI

Atletismo

IV

OS NOSSOS PROGRESSOS

1924 — Cross de «Os Sports».
» — Cross regional do Norte.
» — Festa de educação fisica.
» — Campeonato regional do Sul.
» — Campeonato regional do Norte.
» — Campeonato nacional.
» — Campeonato junior do Bemfica.
» — Campeonato do Bemfica.
» — Campeonato do Nun'Alvares.

Uma succinta analyse da relação anterior, dá-nos até 1921 um total de 14 torneios em 11 anos, o que é ridiculo. A partir de 1922, com a criação de F. P. S. A. o numero de provas aumentou consideravelmente, sendo a sua média anual nos ultimos trez anos, de 9 concursos.

Atendendo porem á sua qualidade e ao local onde teem sido efectuados, a média é ainda muito deficiente.

Com semelhante orientação temos de confessar que os ligeiros progressos obtidos em sports atleticos, são uma função directa do numero de concursos realisados.

De resto a pratica de atletismo tem estado quasi que exclusivamente reduzida a Lisboa e Porto.

Quando os nossos homens de provincia se resolverem a tomar parte na lucta, devida e criteriosamente treinados, os resultados serão certamente mais lisongeiros.

As grandes cidades, com os seus defeitos e as suas fracas qualidades, não são o necessario meio de cultura, para bem atingirmos o fim em vista.

Como veremos, mais tarde noutros artigos a vida metódica e regrada, é o factor primordial da boa fórma dum atleta.

A. CORREA LEAL
engenheiro

JOÃO VICENTE DE FREITAS BRANCO SASSETTI

A primeira figura do nosso album sportivo marca pela sua alta categoria.

Em esgrima ganhou o campeonato de Portugal em 1917 e 1919, foi vencedor da Taça Castelo Melhor em 1918 e 1920. Tomou parte nos torneios internacionaes de Ostende em que obteve a 6.ª classificação e fez parte da equipe nacional que conseguiu o 2.º logar. Nos J. Olimpicos de Anvers representou Portugal em que alcançamos o 3.º premio. Representou egualmente o Centro Nacional de Esgrima na Taça Lanche em 1916 e 1922.

Em remo, Sassetti correndo pela Associação Naval de Lisboa ganhou o campeonato de remo Taça Lisboa em 1915 a Taça 5 de outubro em 1912 e 1914, e a Taça Mondego em 1913 e 1915. Representou o nosso paiz nos Jogos Pershing.

Foot-Ball

O GRANDE MATCH DESTA TARDE NO STADIUM

A marcha do campeonato de Lisboa tem sido tão caprichosa, que os ultimos encontros apresentam um interesse excepcional.

Assim nenhum grupo conseguiu atingir esta data, sem evitar o desgosto duma derrota, o que indica até certo ponto um sensivel nivelamento de fôrças.

Dos clubs favoritos, o Sporting é aparentemente superior; e traduzimos assim o nosso pensamento, porquanto os «leões» sendo incontestavelmente o onze lisboeta que melhores resultados tem alcançado contra os grupos estrangeiros nos ultimos anos nossos hospedes, é muitas vezes posto em cheque e mesmo dominado pelos outros concorrentes do torneio.

Na 1.ª volta, a derrota que lhe infligiu o adversario de hoje foi logica, atendendo á má exibição do seu onze representativo.

No entanto, o grupo do Sporting foi adaptado á sua anterior estructura, adquirindo assim maior poder, o que se traduziu imediatamente por resultados mais favoraveis e mesmo retumbantes como a derrota do Casa-Pia por 4 a 1.

Pelo contrario, os Belenenses que tinham conseguido finalisar a 1.ª volta à cabeça do campeonato, com um unico empate com os casapianos, acusaram uma nitida baixa de forma no memoravel match contra o Bemfica, em que fôram derrotados por 3 a 0.

Parece pois de bôa logica admitir que no encontro que hoje se realisa, a victoria dificilmente sorrirá para os lados de Belem. O foot-ball porem é um jogo tão imprevisto, que os resultados mais antagonicos podem resultar do embate entre os mesmos elementos.

Assim os nossos prognosticos são muito reservados, tanto mais que a classe dos grupos nacionais sendo ainda bastante rudimentar, nunca é possivel contar em absoluto com determinados factores.

Como dissemos, o encontro tem um significado muito elevado, atendendo ao adeantado do torneio. O vencedor do desafio de hoje terá grandes probabilidades ao triunfo final, ainda que de futuro o concurso apresente obstaculos de valor; para o Sporting é o Bemfica e para os Belenenses, o Casa Pia.

Um match nulo, hipothese admissivel, daria grande alento aos «all blacks», à semelhança da fabula... *Tertius gaudet.*

* * *

Na II divisão, o encontro Imperio-Portugal não tem grande interesse, pois o grupo de Palhavã, tendo empatado com o União, perdeu quasi todas as probabilidades de alcançar a 1.ª classificação.

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e á actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

Entre as muitas respostas recebidas sobre este concurso escolhêmos hoje as seguintes:

P'ra que «alguem» não se amofine,
— Esta vae causar espantos —
Dou meio voto á Stichini
E meio á Sofia Santos

ZÉPEDRO

Para mim a mais airosa
Com mais fogo em seus olhares
De todas a mais formosa
É Julieta Soares.

J. G. O.

Artista que mais me prenda
Em beleza a mais feliz
Ha só uma: A Auzenda
Do Teatro São Luiz.

CRAVO AZUL

Num concurso tão catita
Tambem quero ocupar 'spaço
Para mim a mais bonita
E' a Amelia Rey Colaço.

D. SEBASTIÃO II

Mais bonita? Qual é ela?
Eu sem querer ser tunante
Digo que é a Satanela
A Satanela-Amarante!

XICO LARICO

Quando Auzenda de Oliveira,
Entra no palco fagueira,
Toda a plateia estremece...
Uma hossâna sob infinda,
Aos labios como uma prece:
De todas és tu mais linda...

ARTUR P. MARTA

o momento teatral

Amelia Rey Colaço é uma grande actriz. Raras vezes uma artista do tablado tem reunido tão superiores dotes de cultura, de inteligencia, de senso estetico e de instituição teatral.

Balbuciando as primeiras palavras de scena sob a mão experimentada de Augusto Rosa, ficou-lhe desse primitivo contacto d'arte, aquela aristocracia de maneiras e de linhas que, embora, fossem já suas na vida, nada obrigava que permanecessem na scena.

Sem sombra de lisonja on de favor amigo, Amelia é hoje a primeira diretora com que podem e devem contar todos os valores modernos do nosso teatro.

A maneira superior como, com a colaboração dedicada de Robles tem dirigido e elevado ao grande grau em que hoje está a Companhia do Politeama, deve merecer o reconhecimento de todos os portugueses.

De facto, o teatro de Luiz Pereira, ainda agora, nesse notavel espectaculo que é a «Mulher Nua» de Bataille nos dá realmente noites em tudo dignas, duma cidade como Lisbôa. Amelia Rey Colaço na interpretação dessa peça marcou mais uma vez o seu lugar de excepcional e glorioso brilho.

cá por dentro

— Em seguida a revista «Mola Rial» será representada no Apolo a revista «Tiroliro». Em fim de maio será no mesmo teatro inaugurada a epoca de verão com uma magica de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

— Sóbe á scena no dia 15 em «reprise» no Eden-Teatro a magica de Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes «A semana dos 9 dias».

— Raquel Meller virá dar cinco recitas no proximo verão no Teatro São Luiz.

— Parte brevemente para o Rio de Janeiro a actriz Julieta Soares.

— A festa atletica organisada pela Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, só se realizará no dia 1 de Março.

P'lo fado que tanto quero
E que toda a gente gosta
Dou o meu voto sincero
A' actriz Elvira Costa.

J. OLI.

A mais linda feiticeira
A mais formosa e prendada
E' a Albertina d'Oliveira
... mas só quando está calada!

ARIOSTO

A que melhor se define
Em beleza escultural
E' concerteza a Stichini
Do Teatro Nacional!

JOSÉ DO Ó

noites de primeira

AS COMPANHIAS ESTRANGEIRAS

Por mais que queiram dar a Lisbôa a fisionomia duma grande capital, a verdade é que o bom lisboeta não perde ocasião de se mostrar provinciano, na peor acepção, até á medula.

Temos sempre o ar de aldeia em ponto pequeno, com que nascemos, e que nos hade levar á cova.

Por cada marinheiro estrangeiro que ahi circulava nas ruas havia três garotos de pé descalço e tres sujeitos bem calçados que ofereciam cigarros, diziam uma asneira em lingua indecisa e ensinavam com toda a dignidade as ruas escondidas que todos esses marinheiros procuram.

Com as companhias estrangeiras de teatro dá-se pouco mais ou menos o mesmo.

Por cada «trólaró» que vem por ahi abaixo, não ha «smocking» que se não passe a ferro, joia que não vá para o prego, para «dar á sala um aspecto brilhante e festivo».

Provincia puro. Salsifré no «Clubio» autentico. «Possidonismo» verdadeiro aposentando em falso «chic».

Não ha bocado de sinceridade, clarão de sentimento e pedaço de arte sentida e humana, feita pelos pobres diabos da casa, que impulsione, que arraste e agite a «haute gomme» que fica sempre em casa, com pantufas e bridge, de costas para tudo que fortaleça e anime a expressão viva da nacionalidade.

Pode estoirar a Angela, despedir-se o Brazão, subir á maior altura a Colaço ou a Stichini, nascer frescura e mocidade, pulsar o clarão de genio da Adelina, rir sofrer, chorar a população com a sua gente de teatro — a grande «piresa» dos automoveis moageiros, a pseudo «vieille-roche», a «smart-set» de contrabando não aparece nunca.

Mas está ali a «troupe» mal amanhada de qualquer teatro francês, que vem aqui fazer o «gancho» — e é negocio certo. Eles lá estão todos, não falta nenhum, sabem-se-lhes os nomes de cór. Saiu da toca a loira M.me G. mais oxigenada e mais sorvada, com peles de tigre e meio quilo de esmeraldas sortidas, o visconde poz o «cache-nez» e veio até á friza, e está ornamentada uma grande sala.

Que venham, sim, companhias estrangeiras, que mereçam a nossa atenção e que as recebamos gentilmente. Mas que se saiba aprecia-l'as na sua justa medida, sem este ar de «recepção por um grupo de familias» com comissão promotora, chasinho e bolos por um grupo de rapazes furiosos e desinteressados.

Que não se perca de todo o decôro e a consciencia da grei e sôbretudo que se não considerem estranhos na sua terra aqueles que pretendendo ser uma «elite» têm o dever de premiar e estimular o esforço dos que nasceram na mesma terra e falam a mesma lingua.

ANDRÉ GODIM

MARIA VICTORIA

O exito monstro: as «Onze mil virgens», alegria, vivacidade, espirito popular e a encantadora «divete» Laura Costa em numeros desensação.

EDEN

«Bolo-rei», bela revista-magica da Parceria. Brilhante conjunto da grande companhia Otelo de Carvalho. Graça, arte e alegria.

S. CARLOS

Noites de arte e mundanismo. Opera francesa com Gabriel Grovlez, primeiras figuras: Mm. Croiza e Mm. Beriza e Mrs. Combe, Lafite e Dufrane.

NACIONAL

DICKY peça de movimento, graça e sentimento, com Stichini, Maria Pia e Ribeiro Lopes.

Conjunto equilibrado e brilhante.

S. LUIZ

Luiza de Lerma, e «Benamor», opereta, por Auzenda e toda a companhia. Armando Vasconcelos.

Alegria, linda musica e mise-en-scène brilhante.

APOLO

Amor de Perdição, peça eterna, creação magistral de Antonio Pinheiro no ferrador João da Cruz.

Espectaculo de grande emoção.

AVENIDA

Paris Monte Carlo — opereta de movimento e graciosidade pela companhia Satanela-Amarante. Admiravel creação do grande actor popular.

POLITEAMA

O grande sucesso de ante-ontem: «A mulher nua», a notavel peça de Bataille, com Alexandre de Azevedo, Amelia e toda a companhia.

TRINDADE

A grande companhia do Porte-Saint-Martin de Paris. Pèrre Magnier e André Pascal.

Grande repertorio francês.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noite e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno e movimentado.

O DOMINGO ilustrado

UMA PEÇA DE TEATRO COMPLETA

O RAMO DAS VIOLETAS

A Palmira Bastos que creou na scena este episodio.

A scena representa um trecho de rua. E' de noite sem luar. A' E. B. uma mulher de cautelas, fatigada, traços duma antiga formosura por sob os andrajos, lenço na cabeça. Chale de lã cruzado. Está junto dum taboado com filas de cautelas pregadas. Uma lampada alumia-lhe a face incide com a sua luz sobre as cautelas. Um grande chapeu de chuva aberto sobre o pequeno lugar de venda. Quando sobe o pano, ao longe, no escuro da viela, passam duas figuras de guitarra em punho, e ouve-se um fado sensual.

Ao fundo da scena surge uma garota, em cabelo, nas mãos um cestinho de violetas, madeixa caida sobre a testa, airosa, leve, um aventalzinho sobre a saia desbotada. Os homens metem-se com ela, mas a um repelão seu, desaparecem indiferentes e ela toma a scena, descendo até junto do lampeão.

A Rapariga. — Boa noite...

A Mulher. — Viva...

A Rapariga. — Crédo! melhor cara traga o dia de amanhã!

A Mulher. — Não estou para conversar! Deixa-me em paz!

A Rapariga. — Caramba! sempre o mesmo mau modo! Lá começa outra vez a chuviscar... *(estende a mão a ver se chove).*

Deixa-me sentar aqui um bocadinho, tiasinha, só emquanto não pára a chuva?...

A Mulher. — Arreda, Arreda! que tiras a luz ás cautelas...

A Rapariga. — Oh senhora! eu daqui não *estrovo*... *(põe o cesto na rua)* Vá!... *(para as violetas)* apanhem aí a geada, a vêr se arrebitam essas orelhas... *(tira da algibeira um pedaço de pão; parte-o ao meio).* Tome lá, quere?

A Mulher. — Bom proveito... bom proveito, que eu já comi!

A Rapariga. — Tambem vomecê, valha-a Deus, está sempre zangada; que raio de bicho lhe mordeu?

Desde que me entendo e que a conheço aqui pregada a vender cautelas, é sempre assim. Nem dá gosto d'a gente lhe dirigir a palavra... Isto é vomecê que ganha bem, e não tem queixas da vida... que farei eu? Então, pelos vistos, não falava a ninguem com certeza... Ora... está feito! Sempre gostava de saber porque é que anda assim de mau modo...

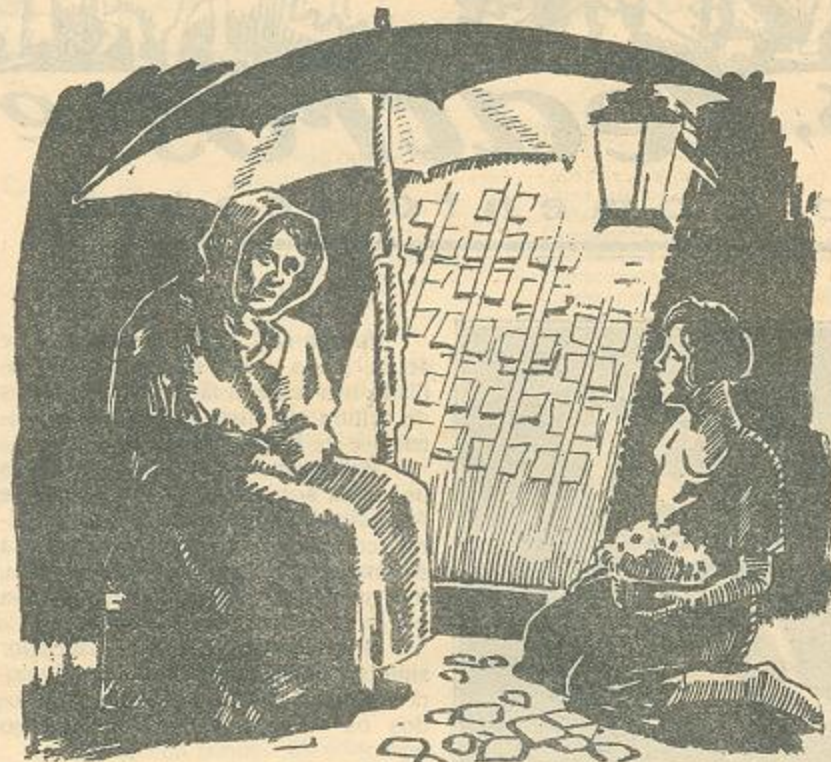
A Mulher. — Cada um sabe de si... e Deus sabe de todos... Quem te disse que eu ganhava muito?

A Rapariga. — Tomára eu... a metade. Só na manhã da roda, faz vomecê dois dôbros dum dia...

A Mulher. — Temos conversado... O jogo não deixa nada... Foi tempo!

A Rapariga. — Sempre deixa mais do que as flôres. O jogo compra-se sempre — toda a gente quer ter mais dinheiro do que o que tem — é a ganhuça. Flôres, não valem nada... quem é que as quer?... não enchem a barriga... podem, quando muito, agradar á vista dos olhos... mas ha poucos que gostem delas... que eu outro dia para dar mais graça a um bocado de pão, — duro como uma pedra — que tinha, só, para o jantar, puz-me a comê-l'o,... com violetas... e olhe que sabem bem. Se pegasse a moda... Ai... *(suspira fundo)* moe-se a gente e não se vende coisa nenhuma.

A Mulher. — *(Com orgulho profissional).* Nem todas as sabem vender.

A Rapariga. — Eu bem faço a deligencia, mas é do negocio que é fraco... Olhe, aí tem hoje — comprei mais fazenda, e nada! Cinco ramos por junto! E sabe Deus o que custou... *(fica um momento pensativa)* sexta-feira, «Senhor dos Passos», calculava que a venda fôsse maior. Afinal, isto!

Olhe... *(apontando os cinco dedos da mão).* O primeiro vendi-o áquela velhota que passa muito aqui, aquela da maleta preta e da capa, alta, magra, não conhece?

A Mulher. — Bem sei, a que lhe morreram os filhos no mar.

A Rapariga. — E' essa... compra-me um ramo todos os dias. — Aquilo é certa. Emquanto ha violetas não falha. A's vezes, não tem dinheiro... e põe-se a olhar muito as flôres — como os petizes diante das montras dos bôlos... eu então fio-lhe, coitada. Depois, lá quando tem, paga-me. Vai então direita como um fuso, ali aos Prazeres, separa o ramo e lá deixa as violetas divididas na cova dos filhos...

O segundo, onde o vendi eu? Ah! Já sei: foi á pequena da capelista — aqui — que namora esse militar gôrdo dos *iuroplanos* — tambem me compra muitas vezes... Não vê que ela faz-se ha muito tempo com o estudante, o da farmacia, e então, como o rapaz cheira muito a remedios, põe as flôres ao peito para o militar não «vêr» nada... os outros dois ramos vendi-os a uma inglesa, que regateava muito, que escolheu, escolheu, escolheu... e depois ainda queria fingir que se engava no dinheiro para me pagar menos... E' o enganas.

E o quinto... *(mudança, brusca de tom)*... o quinto... vendi-o...

A Mulher. — Embuchaste...

A Rapariga. — Não... é que... *(noutro tom).* Ele ha muito malandro, ó ti'Margarida!

A Mulher. — Se ha!... Mas... tu... já...?

A Rapariga. — *(com energia).* Já o quê? Que pensa vomecê?

A Mulher. — Eu sei lá! Vocês nascem já na malandragem. na rua...

A Rapariga. — Na rua, e que tem isso?

A Mulher. — Tem tudo.

A Rapariga. — *(com tristeza).* Tem razão... *(chegando-se mais á mulher e baixo).* Era um velho. assim a modos que gago... corcovado. Bem posto, lá isso... polainas todas brancas, um grande alfinete, luvas, sobretudo... Foi agora ao cair da noite, quando choveu essa pancada d'agua. Eu recolhi-me ali no portal grande. E ele recolheu-se tambem da chuva, ou ia a entrar tambem... Fui-lhe pôr aqui na botoeira um ramo e ri-me. A gente ri-se para todos... As violetas são já de si tão tristes que a gente tem que as vender... com um riso na bôca... senão...

A Mulher. — E ele...

A Rapariga. — Agarrou-me.

A Mulher. — E tu...

A Rapariga. — Deu-me um punhado de notas... Começou-me a contar o que me dava se eu quizesse ir com ele, que tinha uma casa muito rica, criada e um jardim... onde havia tambem violetas, melhores do que as minhas, muito melhores... já se sabe... que tudo que eu quizesse me dava, que era só eu pedir...

Apertou-me, beijou-me aqui *(leva a mão á cara...),* depois quiz-me beijar na boca... Ah! Mas eu então não pude mais; que nojo! Dei-lhe o dinheiro outra vez e fiquei só com o tostão das flôres... Ele então, muito raivoso, amachucou as violetas e eu, olhe, deitei a fugir, mesmo á chuva... se ainda estou molhada até aos ossos, santo Deus... ele lá ficou ou subiu a escada.

A Mulher. — Põe esta manta... *(dando-lhe um chale).*

A Rapariga. — Obrigadinha ti' Margarida.

A Mulher. — Que é feito do teu pae? Depois da morte da tua velha, nunca mais o enxerguei...

A Rapariga. — Então não sabe? Abalou para a Argentina... era dos da emigração. Nunca mais se soube noticias...

Desde o fim do verão que morreu a minha «Jóquina — a minha irmã que andava na fruta — que fiquei só. Eu não tinha corpo para me derrear tanto debaixo da giga — vendia e meti-me então a isto das flôres... mas deixa tão pouco...

A Mulher. — E' uma miseria, é...!

A Rapariga. — Ainda hoje não comi senão esta côdea. Ah! As cautelas com certeza dão bem mais.

A Mulher. — Nem por isso, — dá para o pão... Onde ficas?

A Rapariga. — A comadre de minha mãe, que Deus haja, aluga uns biombos. E' aqui ao Caldas, são dez mil reis. Mas não tem arranjo nenhum. Nestes dias é um horror. Agora chove lá como na rua...

A Mulher. — Como te chamas?

A Rapariga. — Mariana... Julguei que vomecê me conhecesse mais, passo aqui tanto...

A Mulher. — Pouco dou fé de quem passa... A tua mãe, sim, ainda era do meu tempo...

A Rapariga. — Pois eu a si conheço-a bem. Que é feito daquela pequena que aqui parava sempre tambem — sua neta não era?

A Mulher. — ... Morreu...

A Rapariga. — Morreu...?

A Mulher. — Para mim... morreu. Nunca mais a vi. Pouco mais velha era do que tu — uma garota quasi — e lá se foi — é mais uma que a rua leva... Estava-te a ouvir falar... a lembrar-me dela, da mãe..., e de mim mesma... *(outro tom).* Mas diz-me uma coisa: esse velho, a quem vendeste o ultimo ramo, recolheu-se comtigo neste portal grande, da travessa?

A Rapariga. — Nesse mesmo; porquê?

A Mulher. — Corcovado... e disseste que entrara, que subira a escada...

A Rapariga. — Pareceu-me...

A Mulher. — *(Pausa).* Que horror... *(noutro tom)* que horror... o mesmo...

A Rapariga. — Como, o mesmo? *(Com ingenuidade).* O que é que tem?

A Mulher. — Escuta... ouve-me bem. Que se eu tivesse tido alguem que me defendesse, não era hoje o que sou...

Ha muitos anos já, eu era como tu — até como tu vendia violetas. Um mesmo senhor de polainas me apareceu tambem — e os memos sonhos que tu tens hoje, eu os tinha — pobre de mim! Defendi-me, fugi deles emquanto pude, como tu hoje fugiste... Mas era sina minha. Toda a minha ideia de rapariga era ter tido a «minha casa», um homem que fôsse só para mim e a quem eu désse tudo da minha vida — *indesque* eu trabalhasse como uma moura, sol a sol, e ele fôsse pobre como eu. Uma casinha onde houvesse saude e onde não nos faltasse o pão — eu não pedia muito...

Ao tempo eu tinha 18 anos e morava em cima, naquela casa das escadinhas — mesmo por detrás do pateo do palacio. Todas as tardes eu... esperava que «ele» saisse o portão e levava o meu cestinho das violetas...

Ele comprava-me um ramo — e muitas vezes era eu quem lh'o punha no

[Conclusão na página 10]

O DOMINGO
ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL! COMPLETA

O Almirante Ricardo tinha e tem, ainda hoje, entre os socios da Sociedade de Geografia, um grupo fiel que lhe escuta em certas noites as suas historias de bordo. D'algumas veridicas e pitorescas, tomei nota.

O caso, tragico e emocionante, que esboço nas linhas que se seguem ouvi-lho eu, com o colorido oportuno e expressivo da sua voz, entre fumaças do seu classico cachimbo, e uma «pose» de velho lobo do mar, que lembra certas ilustrações dos romances de Loti.

Eis o caso, conta ele:

«Nesse tempo eu, filho e neto de pescadores tinha 17 anos, mal lia por cima, e descalço, com uma sacola na mão, entrára como moço a bordo do «Gaveão», que nessa tarde, pelo cair da noute, levantou ferro com carregamento vario, em linha das ilhas e Brazil.

Ja tremeluziam os lampeões de gaz da R. do Alecrim, e do meio do rio, a cidade era um monte negro, com os bicos mais altos da Graça e do Castelo.

A bordo, iniciara-se já o movimento quando um pobre homem, embuçado num casacão, se juntou ao barco, numa lancha de remos, com um catraeiro, vindos da doca da Ribeira. Insistia para falar ao comandante, e trazia consigo, unicamente, uma maleta pequena.

Era um passageiro. Oferecia pagar largamente a viagem, e pedia que o levassem. Uma pequena conferencia na camara do comandante, e o homem ficou.

Eram vulgares esses pedidos, no tempo em que a policia maritima e a policia de emigração eram aspirações meramente teoricas.

De resto, o passageiro não era exigente. Deu-se-lhe uma cabine pequena, desocupada, sobre a ponte, onde ele se encafuou e donde não saiu nas primeiras 24 horas.

Eu fui escalado para lhe levar a comida e para o servir.

No terceiro dia de manhã o capitão chamou-me á sua camara. Fui encontrál-o excitadissimo.

— Tu não sabes quem é o passageiro que levamos a bordo? perguntou-me. Pois muito bem — fica sabendo que é um assassino!

— O quê?! perguntei eu sufocado.

— Tenho a certeza disso. E' um assassino que a policia procura, um enfermeiro e farmaceutico do Porto, que envenenou uma velha rica, para a roubar. Chama-se Xavier *** e não como ele disse: Jeronimo Campos.

— Mas como sabe o meu comandante isso?

— Pelo jornal. Está aqui a «Gazeta» que veio para bordo no dia em que partimos o que só agora li. Vem aqui tudo explicado: que o assassino fugiu, que deve ter procurado atingir a fronteira ou embarcar clandestinamente; encontraram-lhe a pista, mas depois perderam-na. Vêm aqui os sinais — não tenho a menor duvida: é este o homem!

Cortou a barba, mas é êle, tenho a certeza. De resto, esta manhã eu vi-o!

— Viu-o?

Sim. Ha bocado. Tinha corrido a cortina da vigia, mas eu via da mesma maneira. Estava aberto sobre a mesa um lenço com joias que ele cosia por dentro da cintura das calças — foi para isso que pediu a agulha.

Não me resta a menor duvida.

E' preciso que o vigies.

Fiz um assentimento, mas ponderei que o homem parecia um pobre diabo e doente.

—Não tenhas a menor duvida meu rapaz, o homem ha-de traír-se no primeiro momento que calhe e, pelo sim pelo não, vai-o vigiando — mas não digas nada.

A reclusão voluntaria do passageiro não durou muito.

Dois dias mais tarde, refeito do enjôo, começou a sair e a dizer-se melhor. Passeava já no convez, entabolava conversação comnosco, gracejava e contava-nos os seus negocios, dizendo-se importador de relogios e que ia ao Rio fundar uma importante casa.

Mas, nem o comandante nem aqueles que já conheciam o facto não souberam dissimular o preciso para o deixar tranquilo.

Ele percebeu que em torno de si se passava qualquer coisa, e desde ahi guardou outra reserva, que se poderia aliás explicar tanto pela desconfiança dum verdadeiro culpado que se sente suspeito, como pelo justo melindre de quem fez afirmações em que ninguem acreditou.

* * *

Muitos dias se passaram assim na duvida e na anciedade da gente de bordo e eu, sob o aspecto moral, não me lembro de ter feito nenhuma outra viagem tão penosa, apesar do magnifico tempo que tivemos em toda a longa rota.

Na segunda semana de viagem passou-se um acontecimento que eu jamais esquecerei, e que lhes posso referir, apesar de se ter passado ha bons 50 anos, como se ontem ele se tivesse dado.

Foi o caso que um grumete, como eu pouco afeito ás grandes viagens, caiu doente, e em algumas horas, com uma febre altissima e a garganta inchada e cheia das membranas mucosas a descolarem-se, estava entre a vida e a morte.

O comandante sabia que era a difteria, mas mais nada. Ninguem a bordo tinha a mais leve noção do tratamento e de resto, o quinino das febres tropicais era o unico medicamento da miseravel botica do navio.

O grumete, naqueles poucos dias tinha conquistado a simpatia de todos, e era um ovarino alto, e forte, cujo porte gentil inspirava confiança. Nós não nos conformavamos a vê-lo morrer assim!

Em torno do beliche, juntaram-se os rapazes da tripulação e havia lagrimas em todos os olhos. Cahia a noute, o mar estava mais silencioso do que nunca e dir-se-hia naquele tragico silencio que a aza fria da morte já começava a gelar o corpo do pobre grumete.

O capitão saiu da camara e aproximou-se da porta do beliche. Os seus olhos fixaram o doente que sufocava.

De repente, quasi só para mim, disse a meia voz:

— E o passageiro?

— Sim, se é ele... é farmaceutico e enfermeiro.

— Mas, se é ele, não se trairá...

Não tive tempo de acabar. Alguem me afastava. O passageiro tinha saido da cabine e aproximava-se da enxerga. Tinha na mão uma caixa com instrumentos brilhantes. Sem olhar para nós debruçou-se sobre o agonisante e fez alguns movimentos, rapidos e seguros; jorrou sangue pela garganta aberta; o grumete moribundo aspirava a vida. Alguns minutos mais tarde o enfermeiro tinha terminado.

«Julgo que escapará», murmurou entre dentes. Depois, na coberta, dirigindo-se só ao capitão, olhou-o firmemente e com um certo ar de desafio e de resolução disse apenas:

«Sou chefe de enfermeiros»...

Os dois homens abraçaram-se silenciosamente e separaram-se.

O grumete curou-se e o passageiro tratou-o carinhosamente.

Afóra isso, não se dava com mais ninguem, nem dizia palavra.

Durante todo esse tempo o comandante sofreu o rude embate dos sentimentos mais opostos. Por conversas com o imediato, das quais ele aliás para mim não fazia misterio, deprehendia que andava preocupadissimo e que não tinha um momento de repouso.

Altas horas, num monologo que se ouvia indistinctamente no corredor, interrogava-se a si mesmo sobre este extranho e imprevisto caso de consciencia.

Emfim, uma manhã, tomou uma resolução definitiva.

— «Snr. Jeronimo Campos», disse-lhe ele, procurando evitar-lhe o olhar, «eu julgo que para si será preferivel não desembarcar em Pernambuco, onde nos esperam. Eu posso fazer uma estação ao norte, e tocar em Caracas, que é uma linda cidade que talvez lhe interesse vêr... Que lhe parece?

«Estou ás vossas ordens» — disse o passageiro, num encolher de ombros.

Foi assim que o crime do farmaceutico Xavier, que ha 50 anos deu que falar no Porto, ficou impune, e desde que o pobre e tragico embuçado da Ribeira Nova desembarcou em Venezuela, para todo o sempre, nunca mais ninguem dele ouviu falar.

Quando de novo o «Gaveão» se fez

ao largo, sob o ceu tranquilo do Atlantico, o comandante, tocou-me no ombro e disse-me:

«Meu rapaz, esse homem ceifou uma vida, mas salvou outra — e de ambas as vezes arriscou a propria... Na lei geral do mundo deve haver balanços e compensações... mas nós, homens do mar, não nos podemos preocupar com os dramas da terra. Os nossos dramas são maiores».

«Voltou a terra; está bem...»

E, indicando vagamente com a mão a linha já esfumada do continente americano, disse com uma inflexão de desprezo, que nunca esqueci:

— «A Terra»...

V. S.

LER NO PROXIMO NUMERO A ADMIRAVEL PAGINA DE EVOCAÇÃO

A ultima aventura

DE

João Brandão

Onde passa, com superior recorte literario, a sinistra figura do bandido das Beiras

Expediente

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de "O Domingo ilustrado".

A fim de nos evitarem despesas e transtornos, esperamos que os nossos presados assinantes satisfaçam os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

O RAMO DE VIOLETAS (Conclusão)

casaco. Nessa ocasião ele tinha vindo de terras de França e saía todos os dias, aí pela volta das cinco, todo penteado e arranjado — num carrinho só dum cavalo. Esse velho, corcovado, que hoje te esperou no portal era ...

A Rapariga. — Ah!!

A Mulher. — Era então um rapaz lindo, desempenado como uma torre, tinha uma barba alourada, e andava sempre aí na grande, *olaréque*, por essas esperas de touros, no Campo Pequeno, nessas ceias do «Marrare», nessas festas do Passeio Publico ... Uma tarde ... Era em novembro. Ainda sinto essa chuva a cair e a luz do dia a fugir mais depressa do que nunca! Eu tinha andado todo o santissimo dia por essas ruas e nada! Frio, chuva, repelão daqui, maus tratos dacolá, e em jejum, em jejum natural até áquela hora ...

Vim andando para casa e sentei-me... justamente no portal grande da travessa, onde tu hoje entraste tambem ... e estiveste com ele ... e puz-me a chorar.

A chorar nem eu sei de quê! A chorar de fome, de frio, de pena, de raiva! A chorar de estar a chorar!

A Rapariga. — E ainda tem lagrimas nos olhos ...

A Mulher. — Puz-me muito escondida, muito cosida com a parede do portão — para a chuva me não molhar mais. A noite vinha já a cair quando um criado entrou e me viu ali. Dahi a bocadito o mesmo criado voltava e trazia-me este recado. «Faz favor de entrár que o senhor hoje não sai e quere escolher ... as violetas». Entrei ...

Ia vêr o palacio por dentro e eu punha cá na minha idéa coisas ... (*outro tom*):

Ele esperava-me cá em baixo, no rés-do-chão, numa sala á beirinha da rua. Luzes, um fogão acêso, bons estofos e tapetes, livros e pinturas e muitas flôres. Perguntei-lhe para que queria as minhas violêtas se tinha ali flôres tão lindas ... Parece-me que estou a ouvir. Chegou-se ao pé de mim e disse-me muito baixo: «E' que não ha violetas como as tuas» ... E reparando em mim que estava toda molhada: «que tinha que me aquecer ao fogão, que me sentasse, que me ia dar de comer, de beber, que ficasse, que ficasse ali, que não tivesse mêdo». E eu não soube ter mêdo ... Ele obrigou-me a sentar. Deitou-me uma manta rica pelos ombros. As portas estavam fechadas, mas, ali na sala havia comida e vinhos. Ele é que me serviu — e eu, que tinha fome, comi, e deu-me tanto na fraqueza que fiquei quasi tonta.

O que ele me prometeu nessa tarde e nessa noite, meu Deus! Que aquela casa era minha, que os seus criados eram meus criados, que aquela cama de cortinados era a minha ... era a nossa cama! E eu só sabia chorar! Pedi-lhe, por tudo, que me deixasse sair! Que preferia o frio da rua, áquele calôr que me matava! Que tivesse dó de mim, que não tinha ninguem e que não era ninguem! (*Uma lagrima*). A minha fortuna era aquele cestinho de violetas! Que me deixasse sair com ele, que me largasse na minha desgraça, que me deixasse morrer de frio no portal, mas que não me matasse com promessas que eram falsas! Não me quiz ouvir!

Puxou-me num repelão! Ah! como eu lhe tive odio nesse momento... Mas como eu já gostava dele ... e como gostei dele nessa noite. Tive ainda forças, e, com uma faca da mesa, tentei defender-me, disposta a morrer antes que ele me tocasse. Ele arrancou-m'a da mão, mas pr'a m'a tirar cortou-se num dedo. O sangue ... o sangue dele, não sei porquê, prendeu-me mais ...

Então venceu-me, fez de mim o quiz.

A Rapariga. — Ah ...

A Mulher. — Quando vinha a nascer a manhã, mal entrou no quarto uma luz muito branca, olhei ao redor de mim ...

O quarto estava todo desarrumado. Ele dormia, suado. Foi então que o pude vêr bem. Os cabelos caiam-lhe para os olhos— puxei-lh'os de sobre a testa. Tinha então cabelos loiros, uns lindos cabelos loiros ... Eu era muito mais desgraçada naquela ocasião ... porque já gostava dele! Foi então que chorei as lagrimas mais amargas de toda a minha vida!

Ele quizera de mim uma noite—e eu com essa noite tinha-lhe dado toda a minha vida.

Ao tornar a enfiar no corpo os meus pobres farrapos, eu via bem o que esse homem tinha feito de mim.

A Rapariga. — Mas se ele tinha prometido tantas coisas, se vocemecê ficasse ...

A Mulher. — Maluca! Para eu ficar ás esmolas dele ... era preciso que eu lhe não quizesse!

Para ficar por favor, com o escarneo dos criados, até que a pouco e pouco se aborrecesse e me puzesse fóra, não! (*outro tom*) Eu queria-lhe tanto! Tive-o uma noite! Em toda a minha vida essa noite foi o meu deslumbramento!

Mais de meses seguidos ninguem me viu por estes sitios.

Soube depois que êle partira para França, para as bandas donde costumava ir. Nasceu-me a filha e ele nunca o soube. A filha teve uma filha,—ele teve uma neta e nunca o sonhou. Não lhe pertenciam. Eram só minhas! Só eu tinha vivido para elas e sofrido por elas. Foi a minha pobre vingança! Hade morrer sem a mão duma mulher que seja sua, para lhe cerrar os olhos...

A Rapariga.—E a tia Margarida tem alguem?

A Mulher.—Eu... tambem não. Olha, queres vir... ficar comigo?... Tens lá a cama da que se foi... e sempre é outro agasalho. Farei o possivel por abrir bem esses teus olhitos... para a vida... e tu depois, então, me fecharás os meus ... (*beijam-se as duas*). (*Ao longe ouve-se de novo, muito mais afastada, a plangencia do mesmo fado*).

(*Pano*) *O HOMEM QUE PASSA*

Secção a cargo de José Pedro do Carmo (*Zépédro*).

QUADRO DE HONRA

A. M. TRIGO

AROS

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 2.

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Macula.
Charada em verso: Semicirculo.
Charadas em frase: Escritorio — Corola.
Logogrifo: Lidia de Oliveira.

CHARADAS EM FRASE

O cinco simples. contem cinco divisões—2—2.

REI DO ORCO

Instrumento musical; tomem nota que é instrumento musical—3—1.

VIOLETA

LOGOGRIFO

Sobre o soneto "COMPENSAÇÃO" de Mario Pacheco.

Dedicado a ......

Havemos sempre de passar a *vida*—3—6—14.
Colhendo dela, ao sol de cada dia,
O que essa terra—para alguns *bravia*—12—16—8—13—1—11—3—13.
Possue de *bom* se acaso está florida.—12—2 15—11—7—2.

E mesmo que não dê o que podia
Sonhar a nossa mente envaidecida,
Não emtanto a alma *esmorecida*,—10—4—3—13—15—5—13—8—13—7—13.
Não vendo nela quanto presentia,

Porque gosando a vida juntamente,
Tendo as estrelas deste amor *ardente*—13—12—8—6.
Sobre nossas pupilas sempre acesas,
Unidos por *afectos* verdadeiros.—13—15—9—8—6—3.
Nas alegrias somos companheiros
E companheiros somos nas tristezas ...

DOIS BÉRAS & C.TA

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director, e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

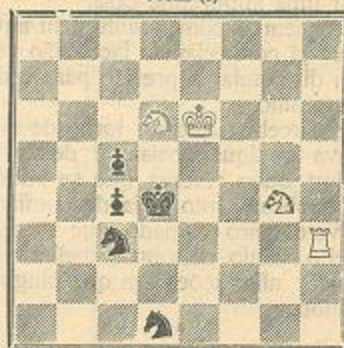
— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 4

Por E. Silbert

Pretas (5)

Brancas (4)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

Solução do Problema n.º 3

C. 4. D.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 3

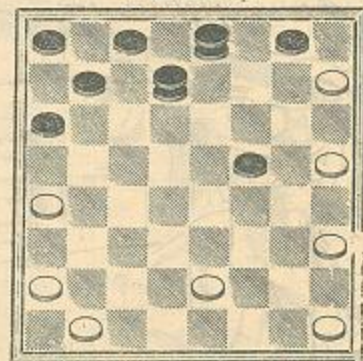
	Brancas	Pretas
1	11-15	20-11
2	19-23	29-18
3	15-22-29	

faz Dama e ganha

Esta numeração é a das casas pretas contadas sempre da esquerda para a direita, do lado das Brancas para o das Pretas.

PROBLEMA N.º 4

(De J. Eloy Nunes Cardozo)

Pretas 2D e 6 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Carta de Paris

Tendencias da moda

Diz uma elegante revista franceza que as caracteristicas da moda que prevalecerão durante algum tempo ainda, deixando á mulher uma aparencia arapagada e jovem, são as seguintes;

— A persistencia duma forma já conhecida quasi masculina na sua uniformidade, na qual se encontre a simplicidade estudada das estações precedentes;

— Detalhes novos, duma grande variedade, tendem a dar ao conjunto mais feminilidade. Amplidão dissimulada em largas pregas soltas.

— Uma «silhouete» fina sem demasias, sobria, porém, até á severidade. Um desejo de moderação perceptivel em todos os pormenores. A simplicidade de regra até se transformar n'um habito.

Ha, porém, a accusar-se ainda levemente, mas com certeza, uma tendencia que resalta claramente das mais recentes creações e que só grau a grau será aceita por todos e em primeiro logar para os vestidos de «soirée». Essa tendencia consiste:

— N'uma elegancia mais feminina e, ao mesmo tempo, mais individual. Um côrte muito perfeito que permita á personalidade de cada pessoa exprimir-se muito mais livremente.

— Vestidos feitos de fazendas muito flexiveis e cuja ampliação se anima logo que a mulher está em movimento, mas que lhe deixam, em repouso, toda a sua elegancia.

— Graça. Um certo requinte nos ornatos. Formas mais acentuadas. Um conjunto feminino a contrastar com a austeridade dos côrtes masculinos.

Concurso original

Uma casa de modas americana organisou ha pouco um concurso de beleza, mas as concorrentes devem ter pelo menos... cincoenta anos bem contados.

Comprehende-se isto perfeitamente, apesar da originalidade do caso.

Que grande coisa triumphar quando a idade nos dá todos os thezouros e graças das vinte primaveras!

Todas as frescuras, todos os encantos são então naturaes.

A mais linda não fez nada para isso. Se é loira, é como são em agosto os trajos d'oiro; sua carnação não é mais extraordinaria do que as ternas côres de nova carminada que se vêm em Janeiro nos ramos floridos das amendoeiras.

O milagre não está na primavera, está no outomno, e o grande segredo não é ser bella, mas sim em continuar a sel-o ou parecel-o.

Aos oitenta annos, Ninon de Lenclos parecia ter trinta!

O artificio, na nossa opinião, é a prova da mais alta civilisação e haverá sempre delicados que prefiram um jardim á ingleza do que uma floresta virgem.

Quem escreve estas linhas recorda-se de ter visto uma illustre actriz, no seu camarim, deslumbrante de luz e de flôres, com formas duma perfeição classica. Na sua idade, havia dez annos que a minha avó não deixava nem as suas lunetas, nem o seu «fauteuil», sem que, de resto, estivesse enferma. E eu admirava aquella disciplina victoriosa que ordena ao corpo esse imenso desejo de querer continuar jovem, a despeito de tudo — e de o conseguir.

Sobre a dentadura

Um dos motivos porque nem toda a gente tem bons e belos dentes é a ignorancia em que muitos vivem sobre a maneira de escolher bons preparados para a sua limpeza e conservação. Nas pastas e pós dentifricos é preciso attender a que esses produtos não estraguem o esmalte, como sucede com quasi todos. Nas aguas dentifricas é necessario que não contenham acidos violentos que, sob o pretexto de desinfetarem, irritem, inflamem e desfeiem as mucosas. Poucos produtos são de confiança: mas uns ha que podem ser usados com toda a tranquilidade, porque á sua confecção prescinde o maior escrupulo scientifico. São os «Produtos Marya» bem conhecidos. A «Pasta Marya» é perfeita, só tendo egual nas melhores americanas e inglezas. E o preço é egual ao de todas as outras nacionaes.

O desaparecimento da mulher

Ouve-se tanto falar em que a mulher acabou, que a gente quasi nem acredita que o numero de mulheres seja muito maior no globo do que o dos homens. E, no entanto, éssa é a verdade.

Não é, porêm, do sexo que se trata, mas do typo, que evoluciona, e tende cada vez mais a masculinisar-se, no phisico, pelo abandono de certos adornos, como os cabelos, que as mulheres mandam curtar tão curtos quanto possivel, e tambem pelo vestuario que se simplifica, se uniformisa, se encurta; no moral, acquisição de certas qualidades que pareciam até agora o apanagio do homem: a ousadia, a ambição, a independencia, o gosto da lucta pela existencia, uma certa sciencia de sociabilidade, uma certa experiencia das coisas, que tornam o seu porte mais decidido, a sua linguagem menos reservada.

Ha muito quem se não mostre satisfeito com tudo isto.

Mas, afinal, porquê? Se o typo feminino d'outr'ora tende a desaparecer cada vez mais, se a mulher moderna tende a tornar-se cada vez mais a colaboradora util do homem, por mim, eu, longe de achar isso mau, felicito-me e registro esse acontecimento como um grande progresso social.

De resto, afinal, se a mulher muda um tanto de aspecto e de porte, só com espirito superficial poderia affirmar que ella se masculinisa. A mulher nunca foi mais mulher do que hoje é. E'-o doutra forma, ahi está. No seu vestuario, no seu penteado, pode alguem achar, de boa fé, qualquer coisa de masculino? Por Deus, fitae os homens um momento e não falemos mais em tal.

A mulher moderna adorna-se e veste-se duma maneira pratica, decerto, mas não renunciou a nenhum dos seus encontros. Muito ao contrario. E' mais consistente e menos piégas do que dantes, mas tem tanta graça como as suas avós. E' physicamente mais bem formada intellectualmente tambem. E o homem ama-a na mesma: apenas tem mais um pouco de ciume...

ADORNOS FEMENINOS CASEIROS

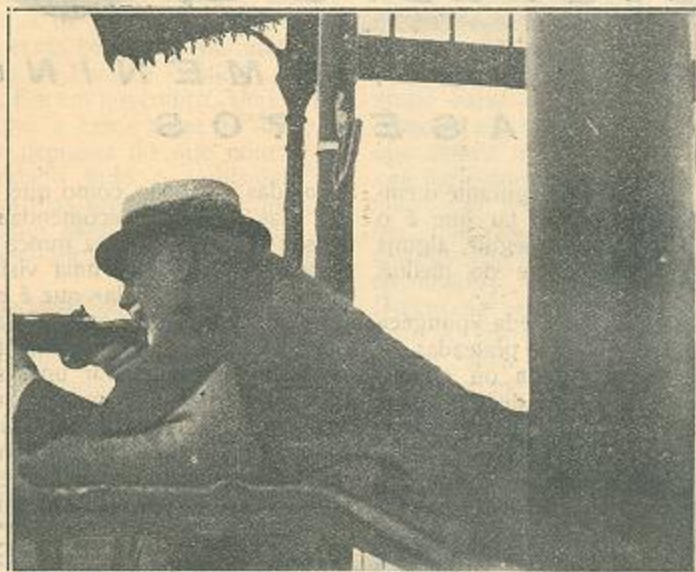
Está no seu apozeu fulgurante o emprego desse sorriso do lar que é o «abat-jour. Damos a seguir alguns modelos muito lindos e do melhor gosto:

1.º — «Abat-jour» de seda «pougée» rosa; cruzamento em fitas prateadas estreitas e perolas em prata ou cristal; 2.º — Coberto de crépe de china, petalas de rosa em tom mais escuro; 3.º — Pequena lanterna coberta de seda eranca e laranja, com veludo preto e perolas laranja; 4.º — «Abat-jour» basilica, forrado de seda oiro com passamaneria oiro e perolas vermelhas; 5.º — Coberto de taffetás rubi, com folhas mais escuras, dando uma linda luz intima; 6.º — Tipo rustico em cretonne escuro com franjas em lã e flores em lã ou em cretonne.

E' muito interessante, sobretudo com um mobiliario rustico. 7.º — Em forma de apagador, coberto de seda estampada e escura, com folhinhas de taffetás, é proprio para acompanhar moveis em estilo antigo.

Alem do «abât-jour» que é um dos aspectos porque mais se revela a graça feminina num interior bem cuidado, a almofada, rainha do «boudoir» e das salas inttimas, constitue hoje uma das provas de exame da arte duma «menajére». Actualmente passou-se já da velha almofada bordada que está «demodée» para a alfofada de plumas, de pele de tigre e de raposa, de rosas e de tule, almofadas que são como que «toilettes» das moveis. Recomendamos ás nossas leitoras, e talvez nunca lh'o tivessem recomendado, uma visita «Escola de Arte Aplicada» que é uma escola que nem por ser oficial e do estudo, deixa de ser eminentemente moderna e dirigida por uma senhora artista notavel e sobejamente conhecida do publico: D. Helena Roque Gameiro. Ahi, terá a leitora curiosa o maior e mais inexgotavel manancial de modelos modernos, de todas as almofadas.

Actualidades gráficas

O CHEFE DE ESTADO "SPORTSMAN"

O Sr. Presidente da Republica é um grande amador do «sport». As nossas gravuras dão-no em tres fases da sua vida desportiva. Atirando na carreira de tiro de Pedrouços; fazendo automobilismo, num dos seus passeios matinais e posando entre o publico com o qual melhor se sente: um grupo de «foot-ballers». Passou já o tempo em que os Chefes de Estado só sabiam presidir a sessões solemnes e tinham pela cultura fisica um soberano despreso. O Sr. Presidente da Republica conta entre os «sportsmen» os seus melhores e mais entusiastas panegiristas.

Como se transporta um preso perigoso na California.

NA CALIFORNIA, OS PRESOS POLITICOS PERIGOSOS SÃO CONDUZIDOS NESTAS JAULAS SIDE-CAR. JULGAMOS QUE ENTRE NÓS A FAUNA REVOLUCIONARIA TENDERIA A DEMINUIR NA PERSPECTIVA DE SER ASSIM EXIBIDA EM PUBLICO. ESTE EXEMPLO NÃO DEIXA DE SER ACTUAL, NO MOMENTO EM QUE SE AMNISTIAM DE NOVO OS CULPADOS DA ULTIMA REVOLUÇÃO.

Osorio de Oliveira, nosso colaborador, filho da ilustre escriptora D. Ana de Castro Osorio e que é um vibrante temperamento da moderna geração.

Ana de Oliveira, gentilissima artista ha bastante tempo retirada de scena e cuja reaparição está marcada para estes dias.

PUBLICIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

UM EXITO DE LIVRARIA

LEITÃO DE BARROS

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

(LIVRO UTILISSIMO A TODOS)

4.º MILHAR Á VENDA

Pedidos á PALETA D'OURO

RUA DO OURO, 72 — LISBOA

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Tapeçarias de Traz-os-Montes

(URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

Companhia Nacional de Navegação

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos da Africa Ocidental e Oriental.

Saídas de Lisboa em 15 de cada mês para todos os portos da Africa Ocidental.

Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga.

Frota da Companhia

Paquetes:

«Nyassa»	8965 Ton.	«Portugal»	3998 Ton.	
«Angola»	7745 »	«Luabo»	1385 »	
«Lourenço Marques»	6355 »	«Chinde»	1382 »	Serviço de cabotagem
«Moçambique»	5771 »	«Manica»	1116 »	
«Africa»	5491 »	«Bolama»	985 »	
«Pedro Gomes»	5472 »	«Ibo»	884 »	
«Beira»	4973 »	«Ambriz»	858 »	

Vapores de Carga:

«Cubango»	8300 Ton.	«Cabo Verde»	6200 Ton.
«S. Thomé»	6350 »	«Dondo»	6000 »
«Congo»	5080 Ton.		

Rebocadores no Tejo:

«Tejo», «Cabinda» e «Congo»

Todos os vapores desta Companhia teem frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e comodas.

ESCRITORIOS DA COMPANHIA:

LISBOA, R. do Comercio, 85 — PORTO, R. da Nova Alfandega, 34

AGENTES: — ANVERS, Eiffe & C.º, Quai van Dyck, 10. — HAMBURGO, E. Th. Lind, Alsterdam 39 Europahaus. — ROTERDAM, H. van Kricken, P O B 662.

TELEFONES: — Administração C. 1527 — Chefe do Expediente C. 1000 — Informações C. 608 — Tesonraria e Passagens C. 2666 — Comissariado e Serviços Medicos C. 3202 — Engenheiros (Cais da Fundição) C. 2052 — Cais da Fundição C. 2087 — Deposito e Armazens C. 4012.

PAPELARIA Paleta d'Ouro

RUA AUREA, 72 — LISBOA

COLOSSAL SORTIDO DAS ULTIMAS NOVIDADES DE PINTURA, DESENHO E ARTE APLICADA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

DOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

PREVENÇÃO
A PIANOLA

É UM NOME REGISTADO EXCLUSIVO DA THE AEOLIAN C.º L.DT

São depositarios e representantes exclusivos

P. SANTOS & C.ª

SALÃO MOZART

52, R. Ivens, 54 — LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º — LISBOA

TELEF. N. 908

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

LIVREIROS-EDITORES

TELE { FONE C 1084 / GRAMAS - LIBERTRAN - LISBOA

FORNECIMENTOS E INFORMAÇÕES DE TODAS AS PUBLICAÇÕES NACIONAES E ESTRANGEIRAS. NA VOLTA DO CORREIO SÃO ENVIAOS TODOS OS LIVROS QUE LHES SEJAM PEDIDOS, A COBRAR OU MEDIANTE A IMPORTANCIA ACRESCIDA DO PORTE

SEMPRE GRANDES STOCKS DE NOVIDADES NACIONAES E ESTRANGEIRAS

OS LIVROS EXTRANGEIROS SÃO VENDIDOS AO CAMBIO DO DIA!

Depositarios e correspondentes em todo o continente, colonias e estrangeiro

---

Guarda Roupa CRUZ

EXPLENDIDO STOCK TODO RENOVADO DE FATOS DE CARNAVAL

RUA DO MUNDO — LISBOA

Armazem e garage explendidos

ALUGA-SE BARATO

RUA DA EMENDA, 69, r/c., DIZ-SE

ANUNCIOS UTEIS

A publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc.,

Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.

O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultoros, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa ai ridicularia de 10 centavos.

COMPANHIA DA

ILHA DO PRINCIPE

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 9.900:000$00

SÉDE LISBOA

RUA DO COMERCIO, N.º 31, 1.º

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS – PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA – NÃO TEM POLITICA

Os pardais de Lisbôa

Um dos mais pitorescos aspectos de Lisbôa é o que oferecem á hora da tarde a que todos procuramos os lares, os pardais que se reunem ao topo do Chiado, nas arvores das "Duas Egrejas". E' conhecida a pequena tragedia quotidiana duma coruja branca que, saindo da cornija da egreja, rouba um pardalito e foge até ao rio. Então, bandos de pardais seguem-n'a como um tragico cortejo funebre . . .